



Alexandre Herculano

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Alexandre Herculano

uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

Alexandre Herculano Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

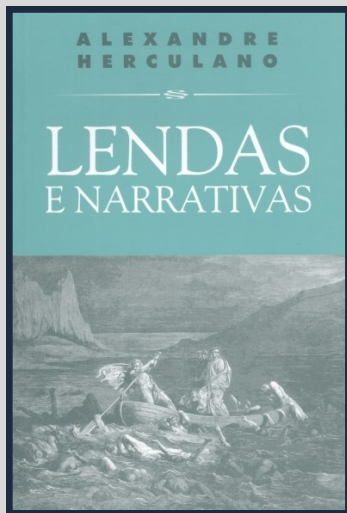
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



[Clique na imagem para aceder ao link](#)

Biblioteca Nacional de Portugal

Obras digitalizadas de Alexandre Herculano.

O acesso às obras carece da instalação atualizada do Java.

Os textos



Clique [aqui](#), [aqui](#) ou [aqui](#) para aceder ao recurso

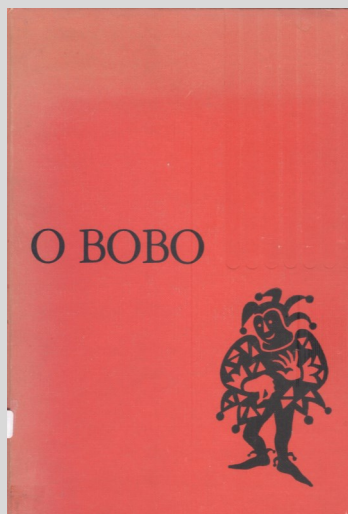
Publicado em 1844, esta história de um amor impossível durante a queda dos reinos Visigodos da Península Ibérica, tem a particularidade de ser um dos primeiros romances históricos da literatura portuguesa e ainda é o melhor representante literário deste género pois é a magnum opus de Alexandre Herculano (...).

Sendo um género muito em voga hoje em dia, custa a crer que o Romance Histórico só tenha surgido no século XIX, mas a verdade é que até aí a literatura pouco relevo dava a narrativas passadas em tempos remotos, preferindo incorrer na descrição de eventos, personagens e situações da sua contemporaneidade. É só a partir dos inícios do século XIX que começaram a surgir autores, um pouco por toda a Europa, que passaram a olhar para o passado como uma fonte fértil de histórias que podiam ser usadas como matéria referencial para obras literárias.

Como género literário, o Romance Histórico caracteriza-se essencialmente por reconstituir os componentes sociais, axiológicos, jurídicos e culturais que definiram as épocas em que as narrativas incorrem...

Os textos

Luso Livros. (s/d). *Alexandre Herculano. Eurico, o presbítero*. Disponível em <https://www.luso-livros.net/Livro/eurico-o-presbitero/>



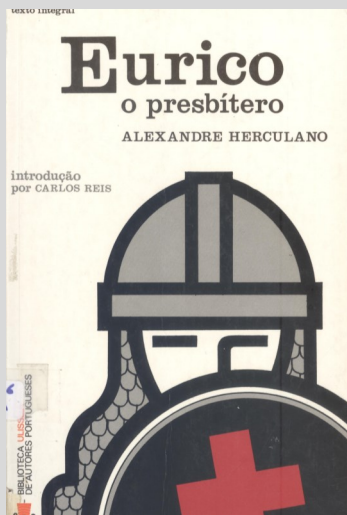
Cota: 821.134.3-31 HER

Os Texto(s)

O conde Henrique pouco sobreviveu ao sogro: cinco anos escassos; mas durante esses cinco anos todos aqueles actos seus cuja memória chegou até nós indicam o exclusivo intuito de alimentar o incêndio das discórdias civis que devoraram a Espanha Cristã. (...)

Mas a sua viúva, a bastarda de Afonso VI, era pela astúcia e ânimo viril digna consorte do ousado e empreendedor borgonhês. A leoa defendeu o antro, onde não se ouvia já o rugido do seu fero senhor, com a mesma energia e esforço de que ele lhe dera repetidos exemplos. Durante quinze anos lutou por conservar intacta a independência da terra que lhe chamava rainha, e, quando o filho lhe arrancou das mãos a herança paterna, só havia um ano que a altiva dona curvara a cerviz ante a fortuna do seu sobrinho... (p. 8)

Herculano, Alexandre. (s/d). *O bobo*. Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-31 HER

Nazareno, ofereceste-nos a salvação, se te seguissemos: fiámo-nos em ti, porque não precisavas de trair-nos. Estávamos nas mãos dos soldados de Pelágio, e foi a um aceno teu que eles cessaram de perseguir-nos. Porém o silêncio tenaz que tens guardado gera em mim graves suspeitas. Quem és tu? Cumpre que sejas sincero, como nós. Sabe que tens diante de ti Mugueiz, o amir da cavalaria árabe, Juliano, o conde de Septum, e Opas, o bispo de Híspalis.

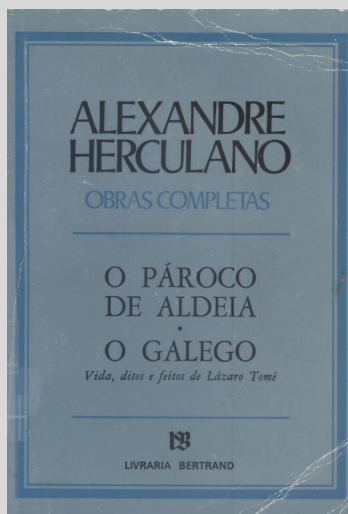
- Sabia-o – respondeu o cavaleiro -, por isso vos trouxe aqui. Queres saber quem sou? Um soldado e um sacerdote de Cristo!

- Aqui!?... – atalhou o amir, levando a mão ao punho da espada e lançando os olhos em roda. Para que fim?

(pp. 193-194)

Herculano, Alexandre. (1986). *Eurico o presbítero* (2.ª ed.). Lisboa: Ulisseia.

Os Textos

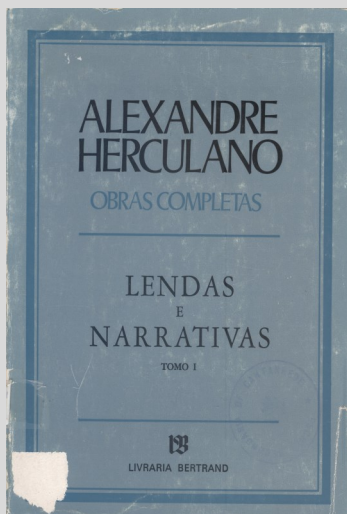


Cota: 821.134.3-31 HER

Os Textos

Falemos sério: não contigo, filósofo estético-romântico-progressivo, que não vales a pena disso, mas com o povo português que fala português chão e inteligível. Falemos sério, porque estas matérias de crenças e de culto são cousas graves e santas. Saber resistir à violência é forte, mas vulgar, saber resistir à calúnia e aos motejos é maior esforço e mais raro. Envergonhemo-nos do que houver mau e corrupto nos nossos costumes; envergonhemo-nos de, muitas vezes, não seguirmos na vida prática os ditames do cristianismo: não nos envergonhemos, porém, do culto dos sete séculos da monarquia. A língua e a religião são as duas cadeias de bronze, que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas às presentes, e estes laços, que se prolongam através das eras, são a Pátria. (p. 83)

Herculano, Alexandre. (1969). *O pároco de aldeia: o galego*. Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-34 HER

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edifício. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, venerável de aspecto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre ele uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros trémulos e enrugados morava um ânimo rico de alto imaginar. As faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva e o perfil do rosto quase perpendicular. (p. 204)

Os Textos

Herculano, Alexandre (1970). *Lendas e narrativas* (Tomo I). Lisboa: Bertrand.



Clique na imagem para aceder ao link

Sobre os textos

Alexandre Herculano (1810-1877) é considerado o pai da historiografia portuguesa e os seus poemas e romances transformam-no numa figura fundamental do romantismo. Colaborou e fundou várias revistas e jornais de âmbito cultural e noticioso.

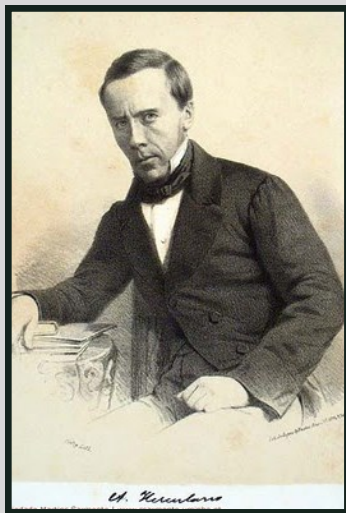
Aprendeu os rudimentos da investigação histórica fora do circuito académico, que foi obrigado a abandonar por razões económicas.

Devido à sua oposição ao Miguelismo é obrigado a exilar-se, primeiro em Inglaterra e depois em França, onde contacta com obras de historiadores, romancistas e poetas estrangeiros que vão ter grande influência no futuro do seu trabalho.

Em 1832, desembarca no Mindelo com as tropas liberais e participa na defesa do Porto.

Com o regime liberal assume a gestão de diversas bibliotecas. Dirige “O Panorama”, a mais importante revista literária da época, e está na fundação de dois jornais: “O País” e “O Português”.

Inês Fonseca Santos. (2010). *Biografia de Alexandre Herculano*. RPT Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/biografia-alexandre-herculano/>



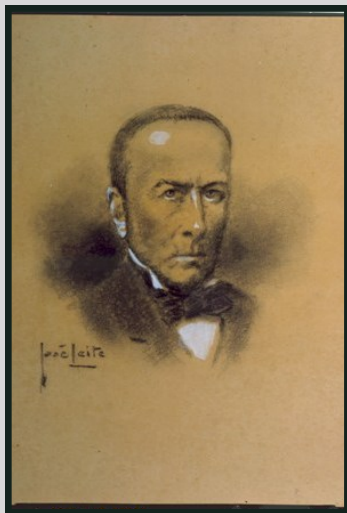
Clique na imagem para aceder ao link

Nascido em 28 de Março de 1810, Alexandre Herculano estuda Humanidades no colégio dos Oratorianos com vista à matrícula na Universidade, mas a cegueira do pai força-o a abdicar desse projeto e a limitar-se a um curso prático de Comércio, estudos de Diplomática (Paleografia) e de Línguas. Desde muito jovem que a sua vocação para as letras se manifesta: lê e traduz escritores românticos estrangeiros, como Schiller, Klopstock, ou Chateaubriand, escreve poesia, conhece Castilho e frequenta os salões da Marquesa de Alorna.

Em 1831, depois do envolvimento na conspiração de 21 de Agosto contra o regime absolutista de D. Miguel, exila-se primeiro em Inglaterra e depois em França. Aqui, e mais concretamente na biblioteca de Rennes, Herculano dedica-se ao estudo e inicia-se em Thierry, Guizot, Victor Hugo e Lamennais, autores que influenciarão profundamente a sua obra.

Ana Maria dos Santos Marques. (s/d). *Figuras da cultura portuguesa. Alexandre Herculano*. Instituto Camões. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/aherculano.html>

Sobre os textos



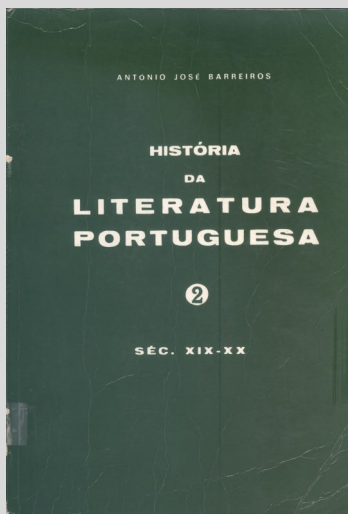
Clique na imagem para aceder ao link

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo nasceu em Lisboa, no Pátio do Gil, à Rua de São Bento, em 28 de Março de 1810. Passaram agora, em 2010, 200 anos sobre essa data. Até aos 15 anos frequentou o Colégio dos Padres da Congregação do Oratório de São Filipe de Néri, instalados no Convento das Necessidades em Lisboa. Entre 1830 e 1831 frequentou a aula de Diplomática na Torre do Tombo.

A sua atividade política, defensor das ideias liberais, leva-o para fora de Portugal. Foi nomeado segundo bibliotecário da Biblioteca do Porto, por decreto de 17 de Julho de 1833. A obra que vai transformar Alexandre Herculano num dos portugueses de destaque do século XIX é a sua *História de Portugal*, cujo primeiro volume é publicado em 1846. A Academia das Ciências de Lisboa nomeou-o seu sócio efetivo em 1852 e encarregou-o do projeto de recolha dos *Portugaliae Monumenta Historica*, projeto que empreende em 1853 e 1854.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. (2015). *Nascimento de Alexandre Herculano. Exposições digitais*. DGLAB. Disponível em <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/nascimento-de-alexandre-herculano/>

Sobre os textos



Cota: 80(09) BAR

Sobre os textos

Herculano é uma das grandes figuras da literatura portuguesa. Desprezado das honrarias externas, aparentemente modesto e simples, o seu espírito curvou-se sobre os mais variados temas, tentando com êxito diversos géneros literários. Foi

Poeta,

Romancista,

Historiador, crítico.

É nos *Opúsculos*. Conjunto de suas obras menores, que manifesta um persistente interesse pelas coisas públicas da Nação. Partidário incondicional do liberalismo, soldado de D. Pedro IV, amigo pessoal de Mousinho da Silveira, nunca perdeu de vista o bem do povo português. Odiou desde novo os desmandos da demagogia.

Senhor das suas opiniões, não conseguiu reprimir, em certos momentos da vida, irritadas manifestações de orgulho intelectual.
(p. 74)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.^a ed.). Braga: Bezerra Editora.

DICIONÁRIO
DO
ROMANTISMO LITERÁRIO
PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO
DE
HELENA CARVALHÃO BUESCU



CAMINHO

Cota: 80(038) BUE

Poeta, romancista, historiador, teorizador da literatura e da história, crítico e investigador, polemista, homem de acção cívica e política, Herculano edifica, com austera e exemplar coerência, uma obra multimoda que, na sua diversidade, não cessa de dar corpo a uma profunda unidade, guiado por um projecto romântico-liberal que enforma não apenas a sua obra como a sua vida. «O homem imprime necessariamente em todos os actos da sua vida as condições do seu ser», afirma na «Introdução à reedição de A Voz do Profeta, do mesmo modo que a «ideia característica de qualquer época, o facto capital e íntimo de qualquer sociedade se reproduz em todos os seus modos de existir» («A Escola Politécnica»). É este profundo entrosamento da vida e da obra, da acção e do pensamento, e o vigor de uma vontade clarividente e de uma resistência estoica, que fazem da sua trajectória uma espécie de «epopeia simbólica» do Portugal seu contemporâneo, como dirá A. Sérgio (Ensaaios, III). (pp. 221-222)

Buescu, Helena Carvalhão. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos

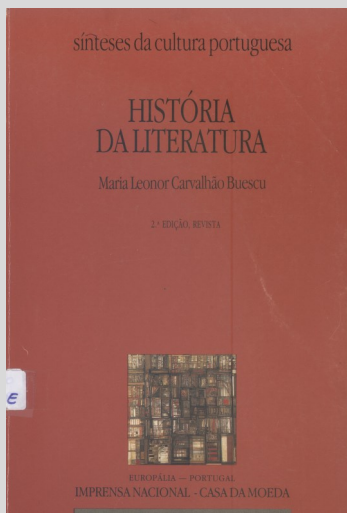


Cota: 80(038) BUE

A obra romanesca de Herculano abarca globalmente grande parte da Idade Média «nacional» (entendendo-se aqui «nação» num sentido obviamente mais amplo do que o de «nação portuguesa»), desde a queda do império visigótico e a invasão árabe (Eurico o Presbítero) até ao início do absolutismo real e o fim dos grandes projectos individuais (O Monger de Cister, «A Abóbada»), passando pelo período do domínio árabe e da reconquista («O Alcaide de Santarém», «A Morte do Lidador», «A Dama-Pé-de-Cabra»), e pela fase da formação da nacionalidade (O Bobo). Pode dizer-se que é neste longo período, o medieval, que Herculano, nisto aliás em sintonia com o que defende na sua actividade como historiador, encontra a conformação dos grandes valores e dos grandes ideários nacionais, corporalmente assumidos através de várias personagens, de entre as quais avulta o herói. (p. 357)

Buescu, Helena Carvalho. (1997). *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho.

Sobre os textos



Cota: 80(038) BUE

O romance histórico de Herculano é eminentemente tributário da sua actividade como historiador: a efabulação romanesca, muitas vezes excessivamente idealizada, serve de motivo para a reconstituição da sociedade e do clima humano da Idade Média. O romance histórico, aliás ganha dimensão e, durante o século XIX, com Oliveira Marreca, Rebello da Silva, Arnaldo Gama e o próprio Camilo Castelo Branco, entre muitos romancistas menores, constitui uma das modalidades narrativas de maior eco público.

Quanto à obra narrativa de Herculano, porém, verifica-se, em *O Bobo* e em *O Monge de Cister*, que é mais nítido o registo do historiador, enquanto em Eurico mais intensamente se apresenta o registo poético: o próprio autor hesita em classificá-lo: «Crónica-poema, lenda ou o quer que seja»... (p. 78)

Sobre os textos

Buescu, Maria Leonor Carvalhão. (1994). *História da literatura* (2.^a ed.). Lisboa: INCM.



Cota: 80 CHA

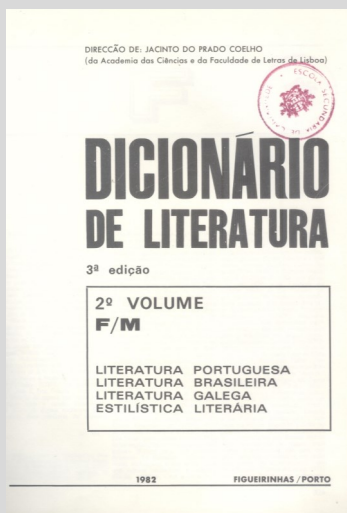
Nesta breve nota encontra-se estabelecido o cânone do romance histórico tal como o concebeu e praticou Herculano:

- a) revivescência da poesia nacional e popular;
- b) representação, com base erudita, da vida íntima das épocas passadas;
- c) ressurreição estética da vida social da época histórica em que decorre a acção novelística, expressando o modo de sentir e existir do povo.

Este cânone é, *mutatis mutandis*, aquele que se pode deduzir da leitura dos romances de Walter Scott.

Mas a lição que Herculano recebeu do grande novelista escocês não foi apenas a que assim se pode esquematizar. Também nas obras de Scott aprendeu Herculano o princípio da não apresentar as figuras com existência histórica como personagens centrais do enredo. (p. 28)

Chaves, Castelo Branco. (1979). *O romance histórico no romantismo português*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

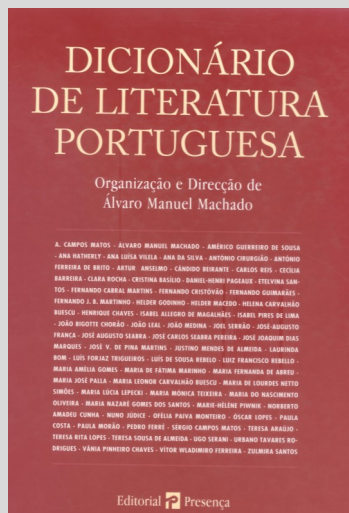


Cota: 80(038) COE

Poeta, romancista, historiador um dos introdutores e guias do Romantismo português. Pertencia a família modesta, que não pôde proporcionar-lhe estudos universitários. Feitas as humanidades nas aulas da Congregação do Oratório, passou deste ambiente de trabalho austero para a severidade dos estudos de Diplomática, na Torre do Tombo, aos quais juntava a aprendizagem do inglês e do alemão. Em 1831 foi obrigado a emigrar, como adverso ao absolutismo miguelista. Mas «as profundas misérias do cativoiro», a que se refere, não lhe impediram a frequência da biblioteca de Rennes, o que os companheiros de exílio, aliás, lhe facilitavam, pois o moço estudioso «se tornava mais útil na biblioteca do que na cozinha» - alegavam. Das andanças do cativoiro datam alguns dos mais belos poemas de quem a si próprio se designava como «o trovador do exílio». (p. 387)

Coelho, Jacinto Prado. (1982). *Dicionário de literatura*. Porto: Figueirinhas.

Sobre os textos

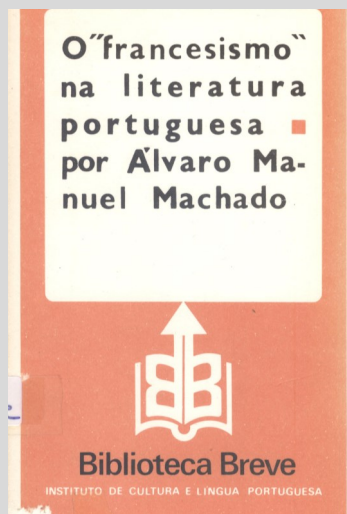


Cota: 80(038) MAC

Sobre os textos

Em 1831, devido às suas convicções liberais, que o levaram a envolver-se na conspiração de 21 de Agosto (revolta do regimento de cavalaria 4, em Lisboa) contra o regime absolutista de D. Miguel, teve de se exilar. A experiência do desterro começa em Inglaterra, em Plymouth, passando por outras cidades inglesas de Província) Stone House, Devonport, «de todas a mais bela», onde, como diz Vitorino Nemésio em A Mocidade de Alexandre Herculano, vol. II, «o mar parece querer varrer as raparigas inglesas de dentro das próprias casas»). E continuando em França, na Normandia (Granville) e na Bretanha (Rennes, onde Herculano se enfia na biblioteca, esquecido de tudo). Em 1832 segue para a ilha Terceira, Açores, de onde parte com o contingente de tropas da expedição liberal organizada por D. Pedro que vai desembarcar no Mindelo e que fará o cerco do Porto. (p. 240)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença.



Cota: 80 MAC

Antes daquilo que com rigor poderemos designar por “francesismo”, isto é, a fixação de uma imagem da França, da sua cultura em geral e da sua literatura em particular, que começa a processar-se vagamente no dealbar do século XVIII, e se toma mais nítida em meados do século, só se assumindo em plenitude durante um confuso período romântico prolongado até finais do século XIX, houve como é óbvio uma influência geral da França no contexto de uma evolução cultural portuguesa desde a Idade Média. Traçar, ainda que muito esquematicamente, o quadro dessa influência ajudar-nos-á, suponho, a melhor compreender as causas primordiais dessa fixação.

Assim, não poderemos deixar de começar por referir os vestígios da grande cultura medieval francesa, esse verdadeiro renascimento do século XII com a chamada escola de Chartres, com Abelardo e com o decisivo movimento cisterciense dominado pela personalidade de São Bernardo de Clairvaux (1091-1153). (p. 19)

Machado, Álvaro Manuel. (1984). *O “francesismo” na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Sobre os textos

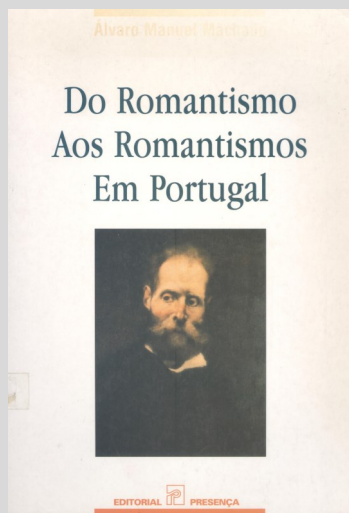


Cota: 80 MAC

Falar das origens de um período literário, em Portugal como noutra qualquer país, é sempre, de certo modo, pôr em questão as próprias origens da literatura. Ou melhor: é sempre repensar o significado da escrita nas suas múltiplas relações com o tempo. É sempre, e sobretudo, por um lado, avaliar a escrita como expressão temporal do pensamento humano e, por outro lado, como expressão temporal daquilo que, vindo do pensamento, pode ou não pode ser considerado objecto estético. E sendo-o, avaliar a sua importância ao nível, sobretudo, da formação, da continuidade ou da ruptura dos géneros. Ora, como diz Henri Meschonnic num dos seus mais recentes ensaios: *Tout écrivain ne peut pas ne pas hériter d'un «genre», mais il le détruit en créant «son oeuvre». Il ne serait pas écriture s'il n'était aussi destruction.* (p. 13)

Machado, Álvaro Manuel. (1979). *As origens do romantismo*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Sobre os textos

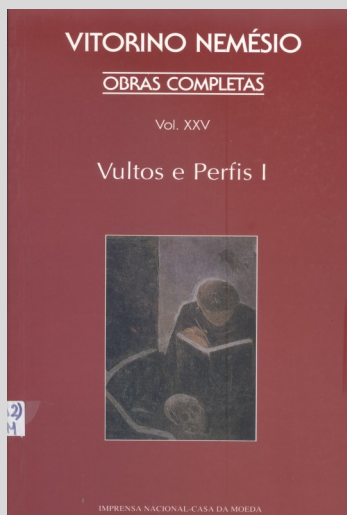


Cota: 80 MAC

Todavia, se, por um lado, Herculano submete o fenómeno estético do romantismo ao código ideológico do nacionalismo liberal, baseado numa ideia duma regeneração sempre paralela à ideia de decadência, por outro lado, devemos-lhe o interesse pelo romantismo europeu como fenómeno cultural no sentido mais lato do termo, amplamente divulgado na revista que dirige, *O Panorama*, desde 1837. Assim, contrariamente a Garrett, Herculano sempre se mostrou fascinado pela cultura estrangeira do século XIX em geral, a começar pela filosofia e pela literatura germânicas, isto apesar das suas limitações, sobretudo a de confundir estética com ética. Ele foi, portanto, do ponto de vista da recepção do romantismo europeu em geral e do alemão em particular, o elemento de ligação essencial com a Geração de 70, sobretudo com Antero, que muito lhe deve como poeta. (p. 11)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Do romantismo aos romantismos em Portugal*. Lisboa: Presença.

Sobre os textos

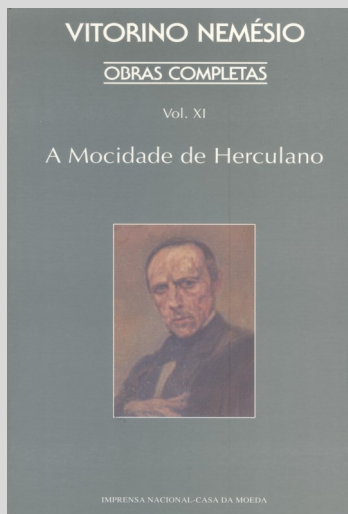


Cota: 80(092) NEM

Alexandre Herculano (de Carvalho e Araújo), n. em Lisboa, 28-3-1810, e f. em Vale de Lobos (Azóia, Santarém), 13-9.1877. Entramos pois no ano do 1.º centenário da sua morte. Era Araújo pelo pai, funcionário da fazenda; Carvalho pela mãe, de uma família de pedreiros e mestres-de-obras vinda da Alta Estremadura para a construção de Lisboa (1775). Casou tarde (1867) com D. Maria Meira (com quem vivera discretamente, às janelas verdes: «não podendo fazer filhos e livros ao mesmo tempo»), e só quando, arroteada a Quinta do Vale de Lobos, pôde lá fixar-se, pois desde rapaz amava a vida do campo: jardinagem nos quintais da casa onde nasceu, a S. Bento, então zona alfacinha em lenta urbanização. Seu pai vendeu a casa, arruinada, em 1826. (p. 163)

Sobre os textos

Nemésio, Vitorino. (2003). *Vultos e perfis I* (vol. XXV) . Lisboa: INCM.

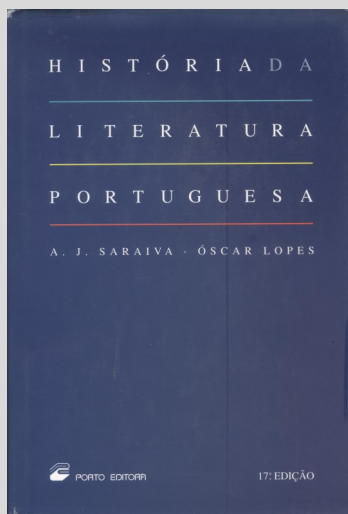


Cota: 80(092) NEM

A 28 de Março de 1810, estando iminente a terceira invasão francesa, nasceu no Pátio do Gil um filho de Teodoro Cândido e de D. Maria do Carmo – que quase dois anos antes, no dia da Assunção a Nossa Senhora, deitara ao mundo uma menina a quem se deu o nome da Virgem daquela invocação. A Primavera tinha abotoado as árvores em todo o Pombal da Cotovia, e de manhã, descerrarem-se as portadas do quarto da parturiente, entraria uma claridade dourada que vinha dos campos nítidos, rasgados aqui e além por casarões baixos, de um andar ou dois corridos, sob o lindo sol de Lisboa. Passou-se um mês. Passaram mais dois dias. E a 30 de abril, com a mãe decerto levantada e em movimento pelos quartos, levaram o pequeno a baptizar à própria ermida do prédio, precedendo licença patriarcal, e aproveitando-se a ocasião para impor os santos óleos na cabecinha da irmã, baptizada em perigo de vida em 15 de Agosto de 1808. (p. 95)

Nemésio, Vitorino. (2003). *A mocidade de Herculano: até à volta do exílio(1810-1832)* (vol. XI) . Lisboa: INCM.

Sobre os textos



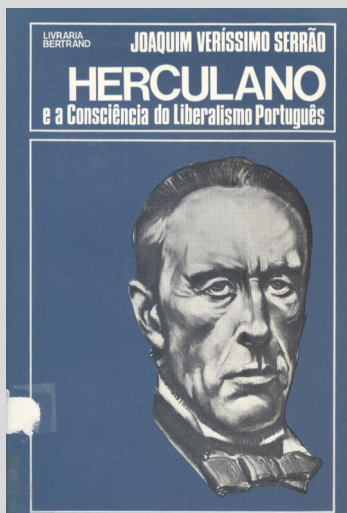
Cota: 80(09) SAR

Declara-se retirado da literatura; sem embargo disso, edita os Opúsculos (1.º volume 1872); mantém uma activa correspondência literária; intervém em polémicas, como a travada à volta das Conferências Democráticas (1871) e a respeitante à emigração (1874). Em cartas ao padre lazarista Barros Gomes (1876) ataca novamente o «Ultramontanismo», isto é, a orientação antiliberal do Vaticano consagrada no concílio de 1869, que estabelece a infalibilidade do papa. [...]

No seu retiro dos últimos anos, Herculano encontrou-se rodeado de extraordinário prestígio, detentor segundo a expressão de Teófilo Braga, de um verdadeiro poder espiritual nacional, para o que contribuía a sua atitude coerente e combativa a partir de 1850 e o ter-se posto inteiramente à margem dos cambalachos políticos e financeiros da Regeneração. Contrariamente e muitos outros intelectuais seus contemporâneos (Garrett, Castilho, Camilo, etc.)... (pp. 707-708)

Saraiva, A. J. & Lopes, O. (2005). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



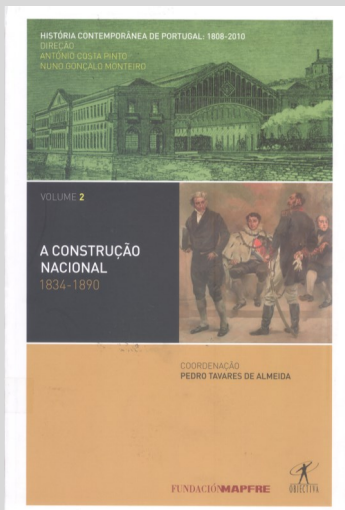
Cota: 80(092) SER

Herculano considerava a liberdade humana como um verdadeiro axioma, «uma verdade de consciência como Deus». Não era preciso demonstrar um princípio que dava origem ao direito absoluto como fundamento da vida social. O homem era livre na medida em que contribuía para a existência da sociedade, respeitando a esfera dos actos livres dos outros e na certeza de que também os seus recebiam igual tratamento. A vida de uma comunidade era a natural consequência da liberdade individual. Esse facto permitia a Herculano sustentar a origem e a necessidade do princípio liberal: «Todas as instituições que não respeitarem estas ideias serão, pelo menos, viciosas.»

Que o poder fosse assumido por um monarca ou um presidente, era para ele uma questão de somenos, ainda que nunca ocultasse a preferência que tinha pela monarquia liberal. (pp. 193-194)

Serrão, Joaquim Veríssimo . (1977). *Herculano e a consciência do liberalismo português*. Lisboa: Bertrand.

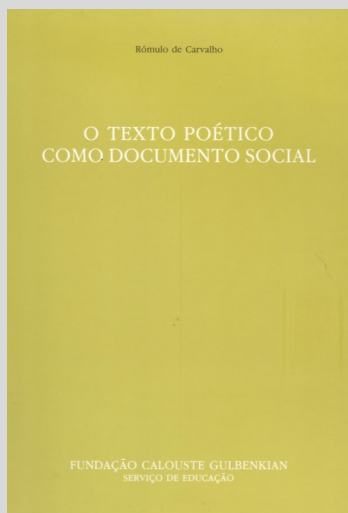
Sobre os textos



Cota: 94(469) ALM

Os principais intelectuais da época participaram directamente neste esforço. Entre o final da década de 1830 e a década de 1850, Alexandre Herculano dirigia a revista *O Panorama* (1837-1868), onde procurou estimular a popularização da história, a publicação de um novo cânone literário para as classes médias e o desenvolvimento da arte da gravura em madeira, vulgarizando imagens dos acontecimentos da história pátria, dos documentos, obras de arte, paisagens e povoações de Portugal. Por sua vez, António Feliciano de Castilho dirigiu a *Revista Universal Lisbonense* (1845-1859), mais especializada nas ciências e nas letras e dirigida a um público mais restrito. Com o auxílio desta revista começaria a construir a sua aura de mentor e legitimador dos protagonistas e das correntes literárias do romantismo português. Finalmente o historiador e arqueólogo Vilhena Barbosa (1811-1890) fundou em 1839 o *Universo Pitoresco* (1839-1844) e nele deu um lugar de destaque à corografia, à geografia e à história, bem como à moderna representação litográfica. (p. 205)

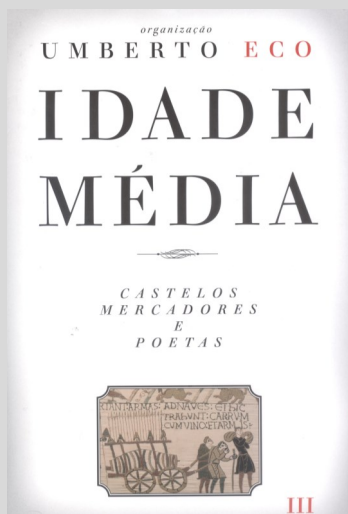
Almeida, Pedro Tavares de . (2013). *História contemporânea de Portugal: 1808-2010: a construção Nacional* (vol. 2). Carnaxide: Objectiva.



Cota: 80 CAR

D. Pedro deixou o Brasil em 1831 a caminho de Inglaterra e daí, no ano seguinte, iniciando a realização de um seu sonhado projecto, dirige-se aos Açores, desembarca em Ponta Delgada onde é bem recebido, nomeia aí um Governo, declara-se regente do Reino em nome de sua filha Maria da Glória, ainda então menor de idade, reúne sete mil e quinhentos homens decididos, e dirige-se para o continente português. Em Junho de 1832 desembarca na praia de Pampelido, perto de Mindelo, a pequena distância do Porto, e no mês seguinte entra na cidade. Assim se vê o país novamente envolvido em duríssima luta, que decorre durante dois anos, com resultados ora favoráveis a D. Pedro, ora a D. Miguel, e que termina com a derrota deste. A rendição total foi assinada em Évora-Monte, no Alentejo, em Maio de 1834, e D. Miguel abandona Portugal para sempre. (p. 309)

Carvalho, Rómulo . (1995). *O texto poético como documento social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



Cota: 94(4+7) ECO

No final do século XI, Afonso VI de Castela (1040- 1109, rei desde 1072) atribui o condado de Portugal ao genro Henrique de Borgonha (1066-1112) e o filho deste, Afonso I, o Conquistador (1107- 1185), declara a independência da região em relação ao reino de Castela, em 1139, como resultado do alargamento do condado, na sequência das vitórias alcançadas sobre os muçulmanos presentes no território português. Para reforçar a independência e a autonomia, Portugal coloca-se sob a proteção direta pontífice, a quem paga um tributo anual em sinal de vassalagem. O rei Afonso II (1185-1223, rei desde 1211) participa, sob o estandarte cristão, na batalha de Navas de Tolosa. O seu sucessor Afonso III (1210-1279, rei desde 1248), em meados do século XIII, ocupa a região do Algarve, anexando assim a parte meridional de Portugal, estabelecendo e delimitando definitivamente a atual fronteira do Estado. (P. 116)

Eco, Umberto . (2014). *Idade Média: castelos, mercadores e poetas (vol. III)*. Alfragide: Dom Quixote.

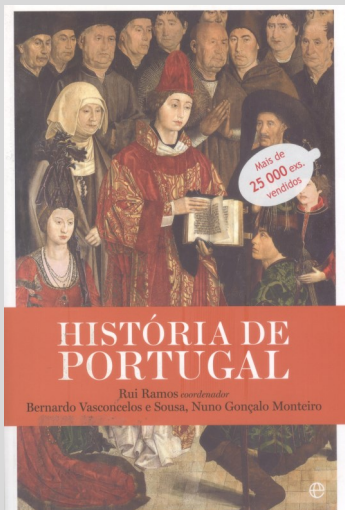


Cota: 94(469) ALM

ConTextos

Os principais intelectuais da época participaram directamente neste esforço. Entre o final da década de 1830 e a década de 1850, Alexandre Herculano dirigia a revista *O Panorama* (1837-1868), onde procurou estimular a popularização da história, a publicação de um novo cânone literário para as classes médias e o desenvolvimento da arte da gravura em madeira, vulgarizando imagens dos acontecimentos da história pátria, dos documentos, obras de arte, paisagens e povoações de Portugal. Por sua vez, António Feliciano de Castilho dirigiu a *Revista Universal Lisbonense* (1845-1859), mais especializadas nas ciências e nas letras e dirigida a um público mais restrito. Com o auxílio desta revista começaria a construir a sua aura de mentor e legitimador dos protagonistas e das correntes literárias do romantismo português. Finalmente o historiador e arqueólogo Vilhena Barbosa (1811-1890) fundou em 1839 o *Universo Pitoresco* (1839-1844) e nele deu um lugar de destaque à coreografia, à geografia e à história, bem como à moderna representação litográfica. (P. 205)

Pinto, António Costa. (2013). *História contemporânea: a construção nacional*.
Carnaxide: Objectiva.



Cota: 94(469) RAM

ConTextos

A história constituiu desde então um terreno privilegiado de reflexão e debate sobre o país, e a ela dedicaram, frequentemente fora das academias mas com bastante impacto, alguns dos intelectuais de maior destaque da vida pública portuguesa nos séculos XIX e XX: J. P. Oliveira Martins (*História de Portugal* de 1879), Teófilo Braga, António Sardinha, António Sérgio ou Jaime Cortesão. O estudo do passado chegou ainda ao grande público desde o século XIX através da ficção à maneira de Walter Scott e de Victor Hugo, da qual J. B. L. de Almeida Garrett (*Frei Luís de Sousa*, *O Arco de Santana*, 1845) e Alexandre Herculano (*Eurico o presbítero*, 1844; *O Monge de Cister*, 1848; *Lendas e Narrativas*, 1851) deram o melhor dos exemplos. Mas a história também preencheu o horizonte dos portugueses visualmente, através do tema histórico da pintura... (p. XIV)

Ramos, Rui. (2012). *História de Portugal* (7.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.



Cota: 94(469) SAR

ConTextos

Constituição de 1822

“Art.º 1.º - A Constituição Política da Nação Portuguesa tem por objectivo manter a liberdade, segurança e propriedade de todos os portugueses.

[...]

Art.º 9.º - A lei é igual para todos. Não se devem portanto privilégios do foro nas causas civis ou crimes, nem comissões especiais. Esta disposição não compreende as causas, que pela sua natureza pertencerem a juízos particulares, na conformidade das leis.

[...]

Art.º 12.º - Todos os portugueses podem ser admitidos aos cargos públicos, sem outra distinção, que não seja a dos seus talentos e das suas virtudes. (p. 22)

Saraiva, José Hermano . (2003). *História de Portugal: implantação do regime liberal* (vol. III). Matosinhos: Quidnovi.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário